



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CENTRO DE EDUCAÇÃO – CEDUC
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM PRINCÍPIOS ORGANIZACIONAIS DA LÍNGUA E
FUNCIONAMENTO DISCURSIVO**

RAFAEL FRANCISCO BRAZ

**A Contribuição do Léxico Árabe na Língua Portuguesa
revisitado nas páginas do Romance Dois Irmãos,
de Milton Hatoum**

CAMPINA GRANDE – PB

2014

RAFAEL FRANCISCO BRAZ

**A Contribuição do Léxico Árabe na Língua Portuguesa
revisitado nas páginas do Romance Dois Irmãos,
de Milton Hatoum**

Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Língua Portuguesa: Princípios Organizacionais da Língua e Funcionalidade Textual-Discursivo da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Orientadora: Prof^ª Dr^ª Marinalva Freire da Silva

CAMPINA GRANDE – PB

2014

É expressamente proibida a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano da dissertação.

B827c Braz, Rafael Francisco

A contribuição do léxico árabe na língua portuguesa revisitado nas páginas do romance Dois Irmãos, de Milton Hatoum [manuscrito] / Rafael Francisco Braz. - 2014.
43 p.

Digitado.

Monografia (Especialização em Língua Portuguesa: princípios organizacionais da língua e funcionalidade textual-discursivo) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de Educação, 2014.

"Orientação: Profa. Dra. Marinalva Freire da Silva, Departamento de Letras".

1. Língua Portuguesa 2. Léxico 3. Arabismo I. Título.

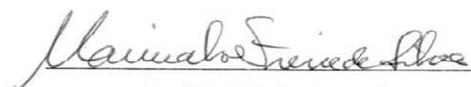
21. ed. CDD 469

RAFAEL FRANCISCO BRAZ

**A Contribuição do Léxico Árabe na Língua Portuguesa
revisitado nas páginas do Romance Dois Irmãos,
de Milton Hatoum**

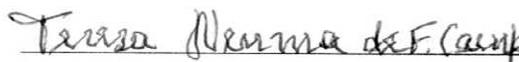
Monografia apresentada ao Curso de Especialização em Língua Portuguesa: Princípios Organizacionais da Língua e Funcionalidade Textual-Discursivo da Universidade Estadual da Paraíba, em cumprimento à exigência para obtenção do grau de especialista.

Aprovada em 31/07/2014.

 Nota 10,0

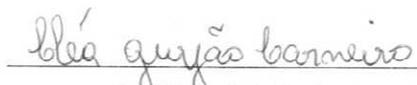
Profª Drª Marinalva Freire da Silva / UEPB

Orientadora

 Nota 10,0

Profª Ms. Teresa Neuma de Farias Campina / UEPB

Examinadora

 Nota 10,0

Profª Ms. Cléa Gurjão Carneiro / UEPB

Examinadora

Média: 10,0

DEDICATÓRIA

A Deus, a quem agradeço todos os dias o dom da vida e as graças alcançadas.

À minha avó materna, Rita (*in memoriam*), que tanto orou para eu chegar aonde estou hoje, pois as palavras aqui dedicadas nunca expressam suficientemente todo meu amor e carinho por ela.

Aos meus familiares, que acreditam e tornam possível a realização das minhas metas.

À professora Marinalva Freire da Silva, que abriu meus olhos, que me presenteou com conhecimento, que me deu amor e carinho nas horas mais difíceis da minha vida acadêmica, que me aconselhou, que sorriu junto comigo, que chorou comigo, que me deu a mão, que orou e que vibrou de alegria comigo; DEDICO todo meu carinho, admiração, amor e amizade.

AGRADECIMENTOS

A Deus, autor e consumidor da minha fé força vital da minha existência, meu amigo fiel.

Aos meus pais, Socorro e Reginaldo, que me ensinaram o caminho de milagres, e me conduziram nos precipícios da sabedoria.

À minha irmã, Andréa, pelo carinho e compreensão.

Aos meus amigos da Especialização em Língua Portuguesa, que sempre estiveram presentes nesta caminhada durante dois anos de curso.

A todos os meus amigos e irmãos por correspondência espalhados pelo Brasil e pelo mundo que acompanharam, mesmo que de longe, a conquista desta vitória.

Aos professores Darcy Fernandes, Maria de Lourdes Leal, Alfredina do Vale, Manasses Xavier, Marcelo Nobrega, Cléa Gurjão, Teresa Neuma Campina, que juntos, me ensinaram como unir teoria e prática na conquista de um ensino de Língua portuguesa que produza sentidos práticos nas aulas.

À professora, amiga, mãe e orientadora Marinalva Freire da Silva, que me contagiou com tanta alegria e otimismo, que soube fazer jus a seu título de Doutora e me ensinou a trabalhar de forma, clara, honesta, com ética, coerente, precisa e eficaz: nunca me esquecerei de nossas conversas acadêmicas e do fato de, mesmo antes de ter sido minha professora, ter me escolhido para ser seu amigo e monitor, isto é, verdadeiramente, um agradecimento especial. Muito obrigado por tudo. Sua presença foi, é e sempre será um referencial para minha vida profissional e pessoal.

A todos os funcionários do Departamento de Letras e Artes da UEPB pela demonstração do excelente profissionalismo e competência.

Ao excelente trabalho desempenhado, com muita competência e dedicação pelas coordenadoras do curso de Especialização, Maria de Lourdes Leal e Teresa Neuma Campina.

Quero, também, agradecer àqueles amigos que se voltaram contra mim, pois mesmo eles sendo do contra EU OS VENCI e como o próprio poeta Mario Quintana canta em seus versos: *“Todos estes que ai estão atravancando meu caminho. Eles passarão. Eu passarinho!”*

E a todos aquele que, de forma relevante ou não, contribuíram com mais esta finalidade na minha vida; a de concluir o curso de Especialização em Língua Portuguesa. Vocês são essência para mim. Sei que a lista foi grande, mas foram necessários estes agradecimentos.

Simplesmente, muito obrigado!

Gosto de sentir minha língua roçar
A língua de Luís de camões
Gosto de ser e estar
E quero me dedicar
A criar confusões de prosódia
E uma profusão de paródias
Que encurtem dores
E furtem cores como camaleões
Gosto do Pessoa na pessoa
Da rosa no Rosa
E sei que a poesia esta para a prosa
Assim como o amor esta para a amizade
E quem ha de negar que esta lhe é superior
E deixa os portugueses morrerem a mingua
"Minha pátria é minha língua"
Fala mangueira!
Fala!
Vamos atentar para a sintaxe dos paulistas
E o falso inglês relax dos sufistas
Sejamos imperialistas
Vamos na velô de dicção chao chao de Carmem Miranda
E que Chico Buarque de Holanda nos resgate
E -xeque-mate- explique-nos Luanda
Ouçamos com atenção os deles e os delas da teve globo
Sejamos o lobo do lobo do homem
[...]
Flor de Lácio Sambódromo
Lusamérica Latim em pó
O que quer
O que pode
Esta língua?
[...]
Caetano Veloso

RESUMO

No romance *Dois Irmãos*, de Milton Hatoum, propomos fazer uma pesquisa sobre a presença de arabismos na Língua Portuguesa cujo objetivo principal consiste em mostrar a contribuição árabe no idioma português. Para tanto, nossa pesquisa baseia-se em Maillou Salgado (1983) e Silva (2007; 2011) nos aspectos da contribuição árabe nas línguas românicas; Coutinho (1968); Silva Neto (1979) e Lapesa (1986) na história dos árabes na península Ibérica e na formação da língua portuguesa; Machado (1987) e Ferreira (2009), os aspectos etimológicos dos verbetes, enquanto Bassetto (2005) e Silva (2007), nas questões de filologia da língua portuguesa. A análise nos mostrou que as línguas resultam de uma complexa evolução histórica e, como parte desta evolução, encontramos nos arabismos uma forte herança cultural, que não deve ser deixada de lado, portanto, o estudo em evidência tem sua relevância do ponto de vista filológico tendo em vista que a análise do léxico usado numa obra contemporânea, através de suas personagens, retomam a herança cultural, mantendo sempre vivo o legado linguístico árabe.

Palavras-chave: Dois Irmãos; léxico; arabismos; língua portuguesa

RÉSUMÉ

Dans le roman « Dois Irmãos », Milton Hatoum, nous proposons de faire des recherches sur la présence de la langue arabismes dans la langue portugais, dont le principal objectif est de montrer la contribution arabe à la langue portugaise. Pour cela, notre recherche est basée sur Maillo Salgado (1983) et Silva (2007, 2011) sur les aspects de la contribution arabe dans les langues romanes; Coutinho (1968); Silva Neto (1979) et Lapesa (1986) dans l'histoire des Arabes de la Péninsule Ibérique et dans la formation de la langue portugaise; Machado (1987) et Ferreira (2009), l'aspect étymologique de le mots et des entrées tout Bassetto (2005) et Silva (2007), dans les questions de philologie de la langue portugaise. L'analyse nous a montré que les langues sont le résultat d'une évolution historique complexe et dans le cadre de cette évolution, nous nous trouvons arabismes un patrimoine culturel fort, qui ne devrait pas être laissé de côté, si l'étude a mis en évidence la pertinence point de vue philologique considérant que l'analyse du lexique utilisé dans le travail contemporain, à travers leurs personnages reprennent leur patrimoine culturel, en gardant vivant l'héritage arabe.

Mots-clés: « Dois Irmãos »; lexique; arabismes; langue portugais

SUMÁRIO

	INTRODUÇÃO	12
1	A INVASÃO DOS ÁRABES NA PENÍNSULA IBÉRICA.....	14
1.1	BREVE RELATO HISTÓRICO DO ARABISMO.....	14
1.2	CONSTRUÇÃO ACERCA DOS ARABISMOS.....	15
1.3	CONTRIBUIÇÃO LINGUÍSTICA DOS ÁRABES NA PENÍNSULA IBÉRICA.....	16
2	A FORMAÇÃO DAS LÍNGUAS ROMÂNICAS.....	21
2.1	A LÍNGUA PORTUGUESA.....	22
2.2	A EXPANSÃO DO IDIOMA CAMONIANO.....	24
3	IMPORTAÇÕES LINGUÍSTICAS.....	25
3.1	A CONTRIBUIÇÃO LINGUÍSTICA DOS ÁRABES.....	28
4	OS ARABISMOS PRESENTES EM <i>DOIS IRMÃOS DE MILTON</i> <i>HATOUM</i>.....	30
4.1	HATOUM.....	30
4.2	ALGUMAS PALAVRAS SOBRE O AUTOR.....	30
4.3	BREVE SÍNTESE DA OBRA <i>DOIS IRMÃOS</i>	30
4.4	PRESENÇA DE ARABISMOS EM <i>DOIS IRMÃOS</i>	34
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	42
	REFERÊNCIAS.....	43

INTRODUÇÃO

Vemos que a capacidade que o ser humano tem de criar linguagem é a existência de relacionar-se com próprio homem e consigo. Refletir sobre esta capacidade de interagir faz parte de campo de pesquisa da linguagem que pode ser discutido por um linguístico, um professor de língua, em nosso caso de português, e de várias outros profissionais voltados para a riqueza da língua, ou seja, interagir, portanto, implica um meio de linguagem.

A escolha do tema “A Contribuição do Léxico Árabe na Língua Portuguesa revisitado nas páginas do Romance *Dois Irmãos*, de Milton Hatoum”, justificamos em primeiro lugar a importância do autor amazonense, Milton Hatoum, entrar no cânone literário da escola literária contemporânea, ou seja, autores que produziram seus textos pós 80. Em segundo lugar, pelo referido autor ter em seu imaginário literário uma riqueza grande de arabismos em seu universo ficcional e, por último, porque a nossa Língua Portuguesa está impregnada de estrangeirismos, embora no Brasil não tenhamos um estudo mais aprofundado sobre a influência árabe na língua portuguesa.

No entanto, o objetivo principal deste estudo é levar os alunos do curso de Letras (os que não conhecem) a desfrutar do imaginário de *Dois irmãos*, de Milton Hatoum e ao mesmo tempo em que despertarem o interesse literário, também, se interessem pelos estudos filológicos desta natureza, pois os mesmos nos fazem conhecer outros horizontes culturais presentes em nossa língua portuguesa.

Dessa forma, para execução desta pesquisa decidimos dividir nosso trabalho em quatro partes, assim descritas:

Na primeira parte iremos levantar informações sobre o processo de invasão árabe na Península Ibérica.

Na segunda, apresentamos um breve panorama sobre a história da língua portuguesa oportunidade em que abordaremos sua história externa e interna e, a seguir, a apresentaremos às línguas românicas.

Na terceira, realizaremos o estudo das importações linguísticas, fazendo uma breve abordagem sobre o processo de arabização na língua portuguesa, objeto deste nosso estudo.

Na quarta e última, registraremos a presença de arabismos à luz do pensamento de Maillo Salgado (1983), presentes no romance de *Dois Irmãos*, de Milton Hatoum. Para tanto, coletamos 25 (vinte cinco) verbetes da obra em estudo, que serão apresentados com sua etimologia e campo semântico, acompanhados de um rápido comentário.

Dessa maneira, esperamos poder oferecer uma singela contribuição aos alunos de Letras sobre o estudo das importações linguísticas que tanto enriquecem o nosso idioma.

Assim esperamos.

1 A INVASÃO DOS ÁRABES NA PENÍNSULA IBÉRICA

1. 1 BREVE RELATO HISTÓRICO DO ARABISMO

O surgimento dos árabes ocorreu no século VIII após dominarem todo o norte da África sob o comando de Tárique e Musa, atravessarem a Coluna e Hércules. Hoje o que chamamos de Estreito de *Gilbratar (Djebal Tarik, Montanha de Tárique)*, e lançam-se sobre o solo da Península Ibérica.

Por motivo de sua localização geográfica próxima da África, A Península Ibérica foi o primeiro ponto europeu atingido pela invasão muçulmana e muitos hispano-godos foram seduzidos pela civilização árabe e adotaram seus costumes, inclusive a própria língua árabe e deixaram para trás o romance que falavam, o qual se transformaram em Moçárabes.

Houve grande progresso durante o domínio mulçumano na Península Ibérica, pois floresceram a agricultura, o comércio e a indústria. Plantas até então desconhecidas na Europa foram por eles transportadas do Oriente e, assim, adaptaram ao clima europeu. Trouxe, também, a cultura de suas tapeçarias e objetos de adorno mais requintados que enfeitavam os palácios dos califas. Havia uma invasão de luxo na alta sociedade, extravasando-se pelas outras camadas sociais e transformaram Córdova no centro mais importante da civilização islâmica.

A língua oficial adotada foi o árabe, mas o povo civilizado subjugo continuou a falar o romance, ou seja, o latim vulgar foi se modificado e, mesmo assim, com a tolerância árabe, uma parte da população cristã que não queria submeter-se ao seu domínio, chefiada pelo Pelágio, refugiou-se nas montanhas das Astúrias, que se tornaram desde então o suporte da reconquista.

Seus sucessores foram enfraquecendo pouco a pouco o poder Islâmico, até que em 1492, as armas vitoriosas dos reis católicos Fernando e Isabel, apoderando-se de Granada, último reduto Mouro, puseram fim para sempre à dominação semítica na Espanha.

Não foi tão grande, como era esperada a influência do idioma árabe, apesar do seu longo uso a par do romance. Exercendo-se quase, exclusivamente, no domínio do vocabulário. Os termos incorporados ao léxico peninsular são quase todos nomes de plantas, instrumentos, ofícios, medidas etc. Grande, também, foi o contingente de vocábulos com que o árabe contribuiu para a geografia regional.

1. 2 CONSTRUÇÃO ACERCA DOS ARABISMOS

Sabemos que a maioria das palavras de origem árabe foi introduzida no idioma português através de fatores extralinguísticos, isto se pode justificar, uma vez que as novas realidades da vida material necessitavam de novos termos que as dominassem e, assim, temos os arabismos que arraigam no idioma e uma série de derivados e aqueles que apenas se documentam uma só vez.

Naturalmente, isto depende do grau de penetração de um arabismo no léxico geral e que é muito variável, devido a que em todo idioma haja palavras mais favorecidas pelo uso que outras, como se pode comprovar lendo **Los arabismos del Castellano en la Baja Edad Media** de Felipe Maillo Salgado.

O arabismo entra na língua portuguesa não como uma nova língua, mas como uma adequação na mesma, ou seja, por um substrato, como explica Mattoso Câmara (*apud* BASETTO, 2005:163), “[...] *toda língua que vigora ao lado de outra, num território dado, e que nela interfere como manancial permanente de empréstimos*”. Basta, portanto, que dois povos de idiomas diferentes sejam vizinhos e mantenham relacionamento de qualquer tipo para a caracterização da situação de adstrato”.

Maillo Salgado (1983) afirma que um arabismo é qualquer palavra que chegou a uma determinada língua, em nosso caso, a língua portuguesa, pelo processo direto do árabe, embora não fosse em sua origem voz deste idioma e pode vir por via ora oral ora escrita, por via popular, como também culta e/ou erudita. Segundo Maillo Salgado Silva (*apud* SILVA, 2007), “o arabismo entra na língua como entidade independente, mas apesar de encerrar um conteúdo inteiramente novo, não pode ser considerado como uma mera adição ao léxico do idioma, porquanto o novo significado tem que integrar-se em outro universo idiomático distinto do que provém”, e nele estabelecerá umas redações necessárias com outros significados já que existentes no campo onde se integre, porém nestas relações, traduzindo-se e, também, se modificando, assim, alterarão o valor de seu significado, mesmo que em algumas vezes de forma violenta e outra, com mudanças de intensidade semântica apenas perceptível (MAILLADO SALGADO, 1983).

Podemos, por um lado, afirmar que, quanto ao significado, muitos arabismos mantêm uma relação semântica. Por outro, o conteúdo destes vocábulos de origem, ou seja, não tem uma identidade perfeita entre o significado da palavra árabe, (por exemplo, *talbiña* (gr.) “*manjar feito de leite, farinha e mel*” ou com o significado geral da raiz (laban “*leite*”),

significado e significante, absolutamente, motivado na palavra derivada, conforme nos demonstram Maillo Salgado (*apud* SILVA, 2007).

Nesta mesma linha de pensamento, Maillo Salgado (1983) resume em cinco os números de processos de adequação de um arabismo a um o novo sistema linguístico, assim o define:

1. El arabismo conserva en principio cierto número de rasgos distintivos que tenía la voz árabe original.
2. El arabismo para ser incorporado a su nuevo idioma, debe adaptarse al sistema fónico y morfológico local e integrarse en un campo semántico determinado.
3. Con el paso de tiempo las estructuras fónicas y sobre todo semánticas del arabismo pueden sufrir modificaciones.
4. En algunos casos, el arabismo por extensión semántica puede incluir en su significado, produciéndose cierta ambigüedad para a la reducción del número de temas definidores de la palabra.
5. Puede darse en otros casos el proceso inverso, es decir, el de restricción semántica – limitación del sentido por especialización – produciéndose, en virtud de este hecho, una mayor precisión significativa del término. Por cuanto aumenta el número de rasgos significativos a causa del encogimiento sufrido por el significado. (MAILLO SALGADO, 1983, p.316-317)

Vários vocábulos árabes que se encontram em português são reflexos da necessidade da língua, pois muitas palavras que expressavam determinadas técnicas, objetos e situações que não existiam entre os cristãos, foram, assim, assimilados por estes diretamente, já que não poderia ser traduzidos. Quando, no entanto, os árabes foram expulsos da península em 1492, a população, ainda, românica continua falando seu dialeto, assim enriquecendo a língua com inúmeros empréstimos linguísticos. Assim sendo, temos uma visão geral do processo de adequação do arabismo nas línguas românicas em estudo.

1. 3 CONTRIBUIÇÃO LINGUÍSTICA DOS ÁRABES NA PENÍNSULA IBÉRICA

No ano 711 d.C, os árabes invadiram e conquistam a Península Ibérica.

A comunidade cristã (chamada moçárabe) em país muçulmano respeitava sua organização municipal com os chefes eleitos por eles. A lei vigente continuava sendo a *Lex Gothorum*, o *Liber Judicum*. Respeitou-se inclusive a hierarquia eclesiástica: o *matran* “metropolitano”, o *al-urquf* “bispo”; o *al-quiss* “presbítero”; o *ar-rahib* “monge” etc. (LOPES, *apud* SILVA NETO, 1979).

Durante a dominação sarracena mantiveram-se muitas das velhas cidades godo-romanas. Contra ela conspiravam hábitos antigos, e um número de conquistadores que acabavam contraindo matrimônio com as mulheres godo-romanas, conforme se fizemos referências.

Dessa maneira, segundo Silva Neto (1979), os moçárabes possuíam governadores ou condes e tinham seus próprios juizes que julgavam pela lei visigótica; tinham um fiscal de costumes, que se chamou *zalmedina*, de nome árabe; um cobrador de impostos próprios que se chamou almoxarife; um fiscal de pesos e medidas, que se chamou *almotacé* etc.

Face às dissensões árabes e *bereberes*, os moçárabes formavam um grupo compacto, que tinha os olhos voltados ao mesmo tempo para o passado hispano-godo ou para o futuro que surgia nas montanhas de Astúrias.

Embora houvesse possíveis divergências e separação político-geográfica, havia entre os cristãos subjugados do sul e os cristãos inconformados do norte, a consciência do passado comum e a unidade de crença.

Os moçárabes formavam uma poderosa e densa minoria cultural e social na Espanha muçulmana. Eram bem nítidas e marcadas as diferenças entre uns e outros, ou seja, nas tradições, língua e religião.

A comunidade moçárabe ajustada às condições estabelecidas para as povoações discriminadas, segundo Bogardus (*apud* SILVA NETO, 1979, p.145):

1. É um conjunto principalmente de características de cultura, o qual é mantido pela força dos sentimentos de lealdade ao passado, ao experimentado e ao satisfatório.
2. Esse conjunto se perpetua em virtude das reações defensivas contra as características que parecem estrangeiras, indesejáveis, perigosas (ou isso simultaneamente) e contra a dominação política ou econômica dos estrangeiros.
3. Fortalece-se o ressentimento contra a crueldade, hostilidade e pretendida superioridade dos estrangeiros.
4. Pode ser fomentado ainda pelo grupo estrangeiro para evitar que sua posição de domínio seja invadida e destruída;
5. Continua pela ignorância, incapacidade mútua que perceberam as possibilidades e vantagens de participar de uma unidade cultural maior.

Por conseguinte, ao lado desses godo-romanos que assim mantinham sua fala primitiva estavam as povoações árabes nas quais, naturalmente, distinguiam-se várias camadas sociais.

Outra povoação muito arabizada era Silva. A povoação tanto da cidade como das aldeias vizinhas eram compostas de árabes del Yemén, Arábia Félix e de outros, “*que falavam um dialeto arábico muito puro*”, segundo Leite de Vasconcelos (*apud* SILVA NETO, 1979).

Os moçárabes constituem evidentemente o laço de união entre as duas culturas. O romance peninsular e o árabe são, um em relação ao outro, adstratos que durante séculos se encontram em contato íntimo. O moçárabe é um marginal, participa de ambas as culturas. Custa-nos acreditar que de um lado recebera as influências do Islã, e de outro, exercera por sua vez, influências nos costumes, na arte de sarracenos (SILVA NETO, 1979).

Para esse estudioso, assim, a arte moçárabe corresponde à arte mudéjar. É preciso não confundi-las. Moreno (*apud* SILVA NETO, 1979) estabelece, em termos claros, a diferença entre o moçarabismo e o mudejarismo na arte: a arte moçárabe é substancial; dentro de uma flexibilidade enorme para adotar formas e processos distintos, flutua em um princípio de originalidade que dá forma a todo o grupo, não se confunde com o muçulmano, não segue a marcha progressiva, unilateral da arte europeia, tem uma frescura de inventos, um individualismo na arte que parece, deu-se anteriormente na arte visigótica e que não volvemos encontrar senão no Oriente; e sempre que a Península se perde o respeito pelas regras transpirenaicas é porque ela ressurge e inspira; a arte mudéjar é umas vezes puramente mouro, outras vezes nada conserva de mahometano senão o exterior; a técnica ou o ritmo inseridos em um organismo setentrional e cristão lhe faz falta a alma e poesia, e como o contato na arte gótico não a fez fecunda, manteve-se durante séculos como arte escrava, que não se adorna por prazer ou necessidade estética, mas apenas para satisfazer a pessoas estranhas das características mais destacadas das populações marginais, no caso dos moçárabes é seu respeito à tradição, seu espírito de conservadorismo acentuado nos costumes dos antepassados é, para eles, um dos meios de virtude de uma cultura estranha que ameaçava absorvê-los (SILVA NETO, 1979).

É importante que nos detenhamos os aspecto linguístico, objeto de nossa pesquisa pois nada mais eloquente que o idioma. Sabemos que milhares de vocábulos árabes encontram-se no português como também no espanhol com um reflexo de iniludíveis necessidades, o mesmo que o latim teve de aceitar também milhares de palavras gregas, como mostra Castro (1983).

Muitos arabismos perduram na língua literária e dialetal. É curioso que a estrutura gramatical do português não foi afetada pelo árabe porque a tradição escrita latino-românica nunca se perdeu totalmente se afirmou à medida que os cristãos foram intensificando sua consciência nacional.

Coutinho (1968) nos mostra que a influência da língua árabe sobre o latim da Península não foi tão grande como se esperava, dada à longa dominação do povo semítico na região ibérica. Ela se limitou quase exclusivamente ao vocabulário.

Sendo o árabe uma língua semítica diferenciava muito das faladas pelos povos indo-europeus, o que tornou impossível maior infiltração em outros domínios do idioma. Nem todas as palavras que os árabes nos legaram pertencem ao fundo comum de seu léxico. Uma são de origem **grega**: *elixir, quilate, alambique, alquimia, acelga, almagestio, albóndiga, alcaparra, triaga*; outras de **procedência oriental**: *azul, aãil, julepo, caravana, espinafre, lamiscar, alcacuz, alcanfor, jazmin*. Eles chegaram a utilizar alguns **vocábulos latinos**, como: *Alcacer, albornoz, almude, alporão, alpendre*. É fácil conhecer as palavras árabes existentes na língua portuguesa pela presença nelas do artigo invariável **al**. O **1** deste artigo é assimilado quando lhe seguem consoantes orais: **r, z, c y d**: arroba (*al-rub*), arroz (*al-ruz*), azeite (*al-zeit*), azeitona (*al-zeitum*), açude (*al-çud*), adalid (*al-dalit*), aduar (*al-duar*), adufe (*al-duf*).

Uma das particularidades que apresentam as palavras árabes em português é a transformação fonética de **h** em **f**, por exemplo: *attahuna* (atafona), *almilhaça* (almofaça), *rehen* (refên), *azzahame* (azáfame), *Muhammed* (Mufamede). Em geral, sofreram as mesmas modificações que os vocábulos latinos.

Os nomes árabes de uso mais frequentes em nossa língua designam **plantas, frutas, flores e substâncias aromáticas**: *algodão, alecrim, agofeifa, alface, alfaça, alfazema, agafrao, açucena, alcachofre, alfena, benjoin, bolote*; **instrumentos de agricultura ou musicais, utensílios, armas**: *anfil, alaúde, gusla, tambor, adufe, arrabal, atabale, adarga, alferce, alicate, alfanje, algema, acicate, aljava, almofariz, almotolla*; **pesos e medidas**: *alqueire, arroba, quintal*; **ofícios, funções e empregos**: *abacal, adail, adelo, alcaide, alfajeme, alfaiate, alfaqueque, alfaqui, alferes, alganame, almuadem, anadel, almogavar, almotacel, almoxarife, alvane, cádi, califa, emir*; **lugar onde se axerce certa atividade**: *aduaana, aduar, alcova, alfeine, aldeia, alcáçova, armazen, aljube, algar, arrabalde, arsenal*; **enfermidades**: *alforra, alifafe, alevarez, exaqueca*; **comidas e bebidas**: *aletria, açorda, alféloa, acepipe, alfélos, acepipe, álcool, almôndega* e outras de **significação diversa**: *álcali, alarde, alarido, alfarrábio, algazarra, élgebra, azulejo, alvará, aranzel, alvissaras, acequia, almenara, almofada, alcatéia, albufeira, almaida, alcatifa, alcavela, alarve, azeriche, almagre, azar, borzeguim, cáfila, javali, cifra*.

Alguns adjetivos portugueses acusam procedência árabe: **garrido, forro, baldio**. Muitos verbos se formam na língua portuguesa de palavras árabes: *albardar, alcatifar, agaimer, alcovitar, aldravar, alquilar*. Na toponímia há, igualmente, vestígios da dominação

árabe: *Algarve, alcobaza, Alcãntara, Almada, Almeida, Almedina, Arrábida, Arrifana, Algezira, Guadiana, Guadalquivir, Guadalajar, Gibraltar.*

É também de origem árabe a interjeição *oxalá*, que se forma da expressão *in+sha+Allan*, e significa “se Deus quiser”. No português antigo, encontra-se a preposição *fasta* (até), a que se atribui igualmente origem árabe, denominado “*imela*”segundo o qual o **a** tônico passa a **e** ou **i**. Justo é o que explica a transformação de *Tagu > Tejo, Pace > Beja; Hispalia* por *Hispalis > Isbilla*, atualmente, *Sevilla*.

2 A FORMAÇÃO DAS LÍNGUAS ROMÂNICAS

É conhecida como língua românica aquela que conserva vestígio de sua filiação, por exemplo, do latim, no vocabulário, na morfologia ou na sintaxe, mas não é apenas necessário encontrar tais vestígios no vocabulário ou na sintaxe, pois assim sendo, o romeno não seria românico, já que em seu vocabulário não predominam as palavras de origem latina.

Podemos encontrar pelo menos dez línguas românicas, tais como: provençal, português, espanhol, catalão, francês, italiano, reto-romano, dalmático, romeno e sardo, sendo assim distribuídas:

Português, falado em Portugal, no Brasil, na Ilha da Madeira, no Arquipélago dos Açores, nas antigas e atuais colônias portuguesas da África, da Ásia e da Oceania;

Espanhol, falado na Espanha e suas colônias, em quase toda a América do Sul à exceção do Brasil e da Guianas, na América Central, no México e em algumas ilhas do arquipélago das Antilhas e nas Filipinas;

Catalão, falado na Catalunha, nos vales de Andorra, no departamento francês dos Pirineus Orientais, na zona oriental de Aragão, na maior parte de Valência, nas Ilhas Baleares e na cidade de Alguer, situada na costa noroeste da Sardenha;

Francês, falado em quase toda a França, exceto no sul e na Bretanha, em suas colônias da Ásia, da África, da América e Oceania, na Bélgica e Congo Belga, na Suíça, em Mônaco no Canadá, na Lusitânia e no Haiti.

Provençal, falado no Sul da França (Provença);

Italiano, falado na Itália e nas ilhas adjacentes (Córsega, Sicília etc.), nas antigas colônias italianas da Ásia e da África, e em São Matinho;

Reto-romano, rético ou ladino, falado no Tirol, no Friul e no cantão dos Grisões (Suíça);

Romeno ou valáquio, falado na Romênia e na parte da Macedônia, próxima ao Monte Olimpo;

Sardo, falado na Sardenha;

Dalmático, outrora falado da Dalmácia com a tenaz infiltração de elementos eslavos e venezianos na Dalmácia acarretou a morte do Dalmático, que se falou até o século passado. Com o antigo Udina, falecido em 1898, desaparecendo para sempre.

Nem todos os lugares o latim conseguiu impor-se, houve lugares onde ele conseguiu implantar-se, mas em seguida cedeu a investida de idiomas estranhos. Há pelo menos três elementos importantes na transformação de uma língua, como:

1)Histórico: Foram em diferentes épocas às conquistas romanas e o seu jugo não se deu, simultaneamente, a todos os povos.

A primeira foi a Sicília convertida em província romana, no ano de 242 a C.; a Córsega e a Sardenha, no ano de 238 a C.; a Hispânia no ano de 197 aC.; a Ilíria é absorvida desde 167 aC.; a África a partir da vitória sobre Cartago, em 146 aC.; a Gália meridional, em 120 aC.; a Gália setentrional torna-se província romana no ano de 50 aC.; a Récia, desde o ano 15 aC.; a Dácia sofre a colonização romana no ano de 107 na era Cristã.

Entre a conquista da Sardenha e da Dácia medeiam aproximadamente quatro séculos. Durante este período a língua latina sofreu não poucas modificações. Sendo esta a razão do sardo apresentar traços de um latim antiquíssimo, muito mais antigo do que o italiano. Da mesma forma, os povos que habitavam a Península Ibérica receberam o *sermo vulgaris* primeiro que os da Gália.

2) Etnológico: As regiões em que sofreram o domínio romano, eram habitadas por povos de raças diferentes. Na Itália, além do osco e do umbro, de origem idêntica ao latim, eram falados outros idiomas: o messápico, ao sudoeste; o grego, na Sicília e no sul; o etrusco, ao norte; o céltico, na região do Pó; o ligúrio, ao noroeste; o vêneto, ao nordeste.

No território correspondente à França atual, foram idiomas usuais o ibérico, oligúrico e o céltico (gaulês). O latim era recebido e concebido de diferentes formas por cada povo, isso de acordo com seus próprios hábitos fonéticos.

3) Político: A causa política é a mais importante na diferenciação das línguas, pois enquanto um povo estiver politicamente subjugado a outro, permanece forte a sua unidade lingüística outrora falado na Dalmácia. Ao se quebrarem os laços políticos, iniciam-se as divergências no que diz respeito à língua. Segundo Lubke (*apud* ELIA, 1974), “as diferenças locais talvez mínimas na origem, aumentaram quando o império romano caiu, quando as relações deixaram de ser recíprocas e, em lugar de império homogêneo, houve estados isolados e independentes uns dos outros”.

2.1 A LÍNGUA PORTUGUESA

Costumavam os cristãos organizar cruzadas, durante a dominação mulçumana, com o fim de libertarem o território ibérico, com a concessão das mesmas indulgências dos que iam combater no Oriente pela conquista ou defesa dos Santos Lugares.

Graças a essas cruzadas é que se formaram os reinos de Leão, Castela e Aragão, com territórios conquistados dos mouros, devendo-se ressaltar a figura de D. Henrique, conde de

Borgonha, entre os fidalgos que foram ajudar na Península. Graças aos serviços prestados à coroa, D. Afonso VI, rei de Leão e Castela, em sinal de gratidão, lhe deu em casamento sua filha natural Dona Tareja e lhe concedeu o Condado Portucalense, território desmembrado da Galiza, a princípio entre o Minho e Vouga, após 1095 seus domínios D. Afonso Henrique, filho do precedente, que após a batalha de Ourique (1139), sacudiu Castela e se fez proclamar rei de Portugal, em 1143.

Houve um tratamento diferente no falar da faixa ocidental da Hispânia que se justifica por ter sido um território ocupado pelos celtas e suevos, havendo constituído um feudo, que mais tarde se tornou independente. Deste romance falado veio a constituir-se ao norte, o dialeto galeziano ou galaico-português, ao sul, provavelmente outro, inçado por palavras árabes.

A independência política de Portugal resultou numa diferenciação entre galego e o português que a princípio foi pequena, mas, com o decorrer do tempo o português tornou-se um idioma completamente autónomo do galego.

O latim bárbaro em documentos do século IX, encontra-se em algumas formas vulgares Vernáculos, levando os historiadores a crerem que o português, ou mais propriamente o galaico-português já existia nesse tempo, mas, só no século XII é que surgiram textos totalmente redigidos.

O verdadeiro século de ouro da literatura portuguesa durante o século XVI, com o surgimento da gramática disciplinando a língua. Leite de Vasconcelos (*apud* COUTINHO, 1970) divide a história da língua portuguesa em três grandes épocas: pré -história, proto-história e história.

A pré-história tem origem com a língua e se prolonga até o século IX, com o surgimento dos primeiros documentos latino-portugueses. O material lingüístico desta época é reduzido a escassas inscrições. Só por suposição é que se pode formar uma idéia do romance então falado.

A proto-história estende-se do século IX ao XII. Os textos que aparecem, são todos escritos em latim bárbaro. De vez em quando é que aparecem palavras portuguesas, provando a existência do idioma galaico-português já neste tempo.

O início da História ocorre no século XII, em que textos e documentos aparecem totalmente redigidos em português, antes a língua era apenas falada. Nesta época há uma divisão em duas fases: arcaica (do século XII ao XVI) e a moderna do XVI em diante.

Há um limite entre a época moderna e a arcaica com a publicação de *Lusíadas* em 1572 por Luís de Camões. Esta obra é uma verdadeira epopéia nacional portuguesa achando-

se retratados nela o espírito de aventura, resistência e heroísmo, em síntese todas as grandes virtudes da nação portuguesa.

2.3 A EXPANSÃO DO IDIOMA CAMONIANO

No início da época moderna, o fato literário de maior importância foi a publicação de *Lusíadas* escrito por Luís de Camões. O tema é a história em forma de poesia de Portugal com episódios e lances dramáticos, tendo como herói o próprio povo português.

Durante o século XVI, Portugal teve um importante papel na história dos descobrimentos marítimos e em conquistas territoriais. A língua portuguesa nessa época, servia de instrumento para uma literatura culta e rica, espalhando-se rapidamente pelas novas terras recém-descobertas, chegando a dominar continentes e ilhas. Povo algum foi tão longe através dos mares como o lusitano, cujas naus percorrem os oceanos em todos os sentidos com suas bandeiras tremulando em todas as cinco partes do mundo, porque em todas Portugal possuía colônias.

O português transportado para terras distantes onde o clima, a topografia, os costumes, crenças, as instituições sociais, os hábitos lingüísticos, eram os mais diversos, não pode manter aspecto rigidamente uniforme, fracionando-se numa porção de dialetos. Falava-se, portanto, nas regiões conquistadas um idioma muito semelhante ao da metrópole.

3 IMPORTAÇÕES LINGUÍSTICAS

Outros povos, antes e depois dos romanos, habitavam a Península Ibérica, deixando vestígios de sua permanência no vocabulário. Várias palavras foram transmitidas através dos romanos, tais como de procedência: ibéricas, célticas, germânicas etc.

Apesar de não possuímos uma lista de todos os povos de línguas estranhas que contribuíram para a construção do idioma português, obtivemos abaixo uma lista da qual na origem é aceita sem discussões, segundo Elia (1974) e Coutinho (1970):

Em nosso léxico existem palavras:

a) Ibéricas:

Os vocábulos de origem ibérica, que se acham incorporados ao português, decorrem em sua maior parte, do basco, e são: *abarca, arroio, baia, balsa, barro, bezerro, bizarro, cama, esquerdo, garra, lousa, manto, modorra, nêspera, páramo, sapo, sarna, Veiga*. “*Difícilmente, diz Adolfo Coelho, se apurarão trinta palavras fundamentais (não derivadas doutras portuguesas) em português a que se possa com verossimilhança atribuir uma origem eusquera*”. (ELIA, 1970)

b) Célticas:

Alguns vocábulos célticos são antigos, pois penetraram no latim quando os romanos entraram em luta com os gauleses na alta Itália (século IV aC.). A maioria, porém é de introdução mais recente, pois data da conquista da Península Ibérica ou da Gália. Até a romanização, foi a Galiza e o norte de Portugal a sede da língua e cultura céltica. São de origem Céltica: *bico, brio, cabana, cambiar, caminho, camisa, carpinteiro, carro, cerveja, cheda, duna, gato, gordo, lança, légua, lia, peça, seara, saio, tona, trado, touca, vidoeiro, vassalo*. Há vestígios de influência céltica também no toponímia: *Penacova, Penafiel, Coimbra, Bragança, Lima, Alcóbria, Selióbria, Segovia, Madrid*. Os dialetos célticos modernos forneceram-nos *dólmen, menhir, fenian, cromlech*. Por via literária através do latim, chegaram-nos *bardo e druída*.

c) Fenícias:

Duas vezes esteve a língua fenícia em contato com os idiomas peninsulares. A primeira levada pelos próprios navegadores; a segunda, pelos cartagineses, que falavam o dialeto

púnico. Apesar disso, quase nula foi a contribuição fenícia. Desta procedência só ficaram no vocabulário português *barca* e alguns nomes de lugar. Admite-se hoje, porém, que se deriva do latim **barica*, através do grego bâris, palavra de origem egípcia.

d) Gregas:

As palavras de procedência grega, introduzidas pelos colonos durante a dominação deste povo na Península Ibérica, ou se perderam totalmente ou foram incorporados ao latim, onde depois chegaram até nós. Um bom número das que existem em nosso léxico ascende à época em que os romanos encerraram as relações com os colonos gregos, no solo itálico, ou à em que se deu a anexação da própria Grécia a Roma. Elas penetraram no latim por duas vias: a popular e a literária. Da camada mais antiga costumam citar-se: *bolsa, cara, corda, calma, chato, caixa, ermo, espada, Governar, golfo, órfão*. Com o advento do cristianismo, inúmeros foram os vocábulos gregos, inúmeros foram os vocábulos gregos que penetraram no latim e se difundiram por influência da igreja pelos povos católicos. Basta citar: *arcediogo, anjo, apóstolo, bispo, bíblia, cônego, clérigo, crisma, diabo, dulia, diocese, eucaristia, epifania, encíclica, esmola, idolatria, igreja, latria, mosteiro, parábola, paróquia, presbítero*.

Alguns vocábulos de origem grega nos foram transmitidos pelos árabes, não sem terem primeiro sofrido as modificações impostas pela sua pronúncia: *acelga, alambique, alcaparra* etc. Do grego medieval, através do comércio Mediterrâneo, vieram ao nosso idioma pelas línguas românicas: *acídia, botica, esmeril, farol, galé, guitarra, tapiz*. É ainda ao grego que modernamente vão os eruditos buscar os elementos formadores dos neologismos técnicos ou científicos.

São inúmeros os termos novos assim constituídos: *anafrodita, anódino, fonógrafo, homeopatia, fonema, macrocéfalo, microscópio, megalomanina, protoplasma, protozoário, telepatia, telefone, telegrafia, xenofobia*. Não pequena foi também a contribuição grega à nossa antroponímia: *Alexandre, André, Basílio, Crisóstomo, Doroteu, Eugênio, Felipe, Jorge, Hipólito, Teófilo, Timóteo, Teodoro*.

e) Hebraicas:

Os hebreus dominaram a Península entretanto não poucas são as palavras de origem Hebraica, existentes em Português. É que elas nos vieram do latim, através da Sagrada Escritura. São nomes comuns, referentes à religião: *aleluia, amém, bálsamo, belzebu, cabala,*

ébano, éden, fariseu, Geena, hissope, Hosana, jubileu, leviatã, maná, páscoa, querubim, rabi, rabino, sábado, serafim; ou próprios de pessoas que desempenharam algum papel na história religiosa do povo judeu: *Abraão, Absalão, Ester, Ismael, Israel, Isaac, Gabriel, Judite, Josué, João Joaquim, Jacó, Jesus, Jeremias, Miguel, Natanael, Raquel, Marta, Maria, Rute, Saul*.

f) Germânicas:

Não se pode precisar a época exata em que entraram, no latim as palavras germânicas. As mais antigas, resultantes do contato dos soldados romanos com os germanos nas fronteiras, figuram já nos escritores latinos com forma alatinada. Estão neste caso: *harpa, carpa, sabão, burgo, coifa, bando, arenga*. Ainda à época pré-gótica pertencem: *arrear, guisa, osa* (arc.), *roca* e talvez *broslar*. O que caracteriza a camada mais antiga é o não possuir sinal particular de pertencer a este ou aquele dialeto. As outras que são em maior número, datam das invasões germânicas (séc.V) e são de origem gótica. Só acidentalmente se nos deparam vocábulos de procedência suévica ou vandálica. Referem-se quase todos à arte militar, usos e costumes, objetos e utensílios do povo germânico.

A origem germânica se denuncia em: *acha, arauto, arreio, agasalho, albergue, aleive, anca, aspa, barão, banho, brasa, dardo, espuma, espeto, estaca, elmo, estribo, espora, feudo, fato, feltro, fraude, ganso, garbo, galardão, grupo, guerra, guisa, lata, lasca, marco, roupa, saga, sopa, trégua*. A influência germânica ainda se revela no grande número de adjetivos verbos que passaram a nossa língua: *branco, fresco, gris, liso, morno, rico, ufano, ataviar, agasalhar, adular, bramar, brotar, brandir, britar, esgrimir, espiar, estampar, escarnecer, guardar, roubar, talar, tirar, trepar*. São da mesma proveniência os nomes dos quatro pontos cardeais: *norte, sul, leste, oeste*.

A particularidade fonética que apresentam tais palavras, em português, é a transformação do w em g: *guerra* (*werra*), *guardar* (*wardōn*), *galardão* (**wīdarlōn*) *guisa* (*wisa*), *guante* (*want*), *guiar* (*witan*), *ganhar* (**waidanjan*), *Guilherme* (*Wilhelm*). Na antroponímia portuguesa, existem muitos nomes germânicos: *Ataulfo, Adolfo, Afonso, Álvaro, Arnulfo, Argemiro, Frederico, Gonçalo, Godofredo, Elvira, Ranulfo, Raimundo, Ramiro, Rodrigo, Rodolfo*. Na toponímia portuguesa figuram igualmente muitos nomes de origem germânica: *Gondim, Gouveia, Guadramil, Guimarães, Ermisende, Esposende, Landim, Resende*. Da mesma origem são também os sufixos *-engo* ou *-engue*, *-arde*, e *-aldo*, que entram nos seguintes vocábulos: *realengo, bordalengo, solarengo, perrengue, covarde, felizardo, Eduardo, Ricardo, Clodoaldo*.

Nos últimos tempos, a introdução de termos germânicos, ou melhor de línguas pertencentes ao grupo germânico, como o moderno alemão, se faz por intermédio do francês: *cobalto, feldspato, gás, níquel, potassa, manganês, bismuto, táler, talco, obus, quartzo, talvez, valsa, vermute, zinco.*

2.1 A CONTRIBUIÇÃO LINGUÍSTICA DOS ÁRABES

Não foi tão grande como era de se esperar a influência da língua árabe sobre o latim, dada à longa dominação do povo semítico na região ibérica, limitando-se quase exclusivamente ao vocabulário, pois sendo o árabe uma língua semítica, diferia muito das faladas pelos povos indo-europeus, o que tornou impossível maior infiltração nos outros domínios do idioma.

Com base em Elia (1974), nem todas as palavras que ao árabes nos deixaram pertencem ao fundo comum do seu léxico. Umas são de origem grega, como: *elixir, quilate, alambique, alquimia, acelga, almagesto, alfândega, alcaparra, triaga*; outras de procedência oriental: *azul, anil, julepo, caravana, espinafre, almíscar, alçapuz, alcanfor, xadrez, jasmim, laranja*. Chegaram eles até a arabizar vocábulos latinos, como: *abricó, alcácer, Albornoz, almude, alporão, alperche*.

Torna-se fácil conhecer a maior parte das palavras árabes, existentes em português, por causa da presença do artigo invariável. O 1 deste artigo é assimilado, quando se lhe seguem consoantes solares, o que vale dizer r,z,c e d: *arroba (AL-rub), arroz, (al-ruz), azeite (al-zait), azeitona (al-zeitun), açougue (al-çauc), açoute (al-çault), açude (al-çud), Adail (al-dalil), aduar (al-duar), adufe (al-duf)*. Uma das particularidades que as palavras árabes apresentam no português: é a transformação fonética do h em f, como provam os exemplos: *attahuna (atafona), almihaça (almofaça), rehen (refên), azzahama (azáfama), Muhammad (Mafamede)*. Em geral, sofreram elas as mesmas modificações que os vocábulos latinos. Os nomes árabes de curso mais freqüente em nossa língua designam plantas, frutas, flores e substâncias aromáticas: *algodão, alecrim, açofofeia, alface, alfafa, alfazema, açafraão, açucena, alcachofra, alfena, almécega, benjoim, bolota*; instrumentos da lavoura ou musicais, utensílios armas: *anafil, alaúde, gusla, tambor, adufe, arrabil, atabale, adarga, alferce, alicate, alfanje, algema, acicate, aljava, almofariz, almotolia, gaita*; pesos e medidas: *alqueire, arroba, quintal*; ofícios cargos e empregos: *açacal, Adail, adelo, acaide, alfageme, alfaiate, alfaqueque, alfaqui, alferes, alganame, almuadem, anadel, algibebe, almucadém, almocreve, alarife, aldeia, acáçova, armazém, aljube, algar, arrabalde, arsenal*;

enfermidades e doenças: *alfôrra, alifafe, alvaraz, enxaqueca*; alimentos e bebidas: *aletria, acorda, alarido, alcunha, alfarrábio, algazarra, álgebra, azulejo, alvará, aranzel, alvissaras, acéquia, almenara, almofada, alcatéia, albufeira, almadia, alcatifa, alcavala, alarve, azeviche, almafre, azar, borzeguim, cáfila, javali, cifra*.

Alguns adjetivos nossos acusam procedência árabe: *garrido, fôrra, mesquinho, baldio*. Muitos verbos se formam em nossa língua de palavras árabes: *albardar, alcatifar, açacalar, açaimar, alcovitar, aldravar, alquilar*. Na toponímia, há igualmente vestígios da dominação *Almedina, Arábida, Arrifana, Algezira, Guadiana, Guadalquivir, Gualdalajar, Gilbratar*. Também é de origem árabe a interjeição *oxalá*, que se formou da expressão *in+sha+Allah*, e significa *se Deus quiser*. No antigo português encontra-se a preposição *fasta* (até), a que se atribui igualmente origem árabe. Há um fenômeno peculiar à fonética árabe, denominado *imela*, segundo o qual o a tônico passa *e* ou *i*. É o que explica a transformação de *Tagu>Tejo, Pace* ou melhor *Paca > Beja, *Hispalis > Isbilis*, hoje *Sevilha*.

4 OS ARABISMOS PRESENTES EM *DOIS IRMÃOS* DE MILTON HATOUM

4.1 ALGUMAS PALAVRAS SOBRE O AUTOR

Milton Hatoum nasceu no Amazonas, no dia 19 de agosto de 1952. É filho de Hassan Ibrahim Hatoum e Nalva Assi Hatoum. Foi estudante do colégio de Aplicação da UNB em Brasília, a partir de 1968 e, em 1970, vai para São Paulo onde vive esta década, graduando-se em Arquitetura na Universidade de Taubaté, em Minas Gerais. Sua primeira publicação foi “Amazonas: palavras e imagens de um rio entre ruínas”.

No ano 2000, publica “*Dois irmãos*” (obra que constitui objeto deste estudo): a segunda edição de “*Relato de um certo Oriente*”; O ensaio “*A dois passos do deserto: visões urbanas de Euclides*”; versão francesa do conto “*Uma carta de Barancoft: une lettre de Brancoft*.”. E em 2004, nasce em São Paulo, no dia 20 de fevereiro, João Lanna Hatoum, o filho primogênito de Milton Assi Hataum com Ruth Pazzanese Duarte Lanna.

4.2 BREVE SÍNTESE DA OBRA *DOIS IRMÃOS*

Olhava com assombro e tristeza a cidade que se mutilava e crescia ao mesmo tempo, afastada do porto e do rio, irreconciliável com seu passado.
(HATOUM, 2000: 197)

É com certa objetividade que o narrador inicia a construção espacial em *Dois Irmãos*, com a descrição da Manaus que Yaqub (um dos irmãos) encontra ao chegar do Líbano. Relatando fatos, lembrando o passado, contando os segredos homiziados na memória, revelando os comportamentos, reconstruindo os fatos pelos cheiros, lugares, o tempo e outros modos de recuperação da memória embranquecida pela passagem do tempo, este romance, na verdade é a memória de Halim (o pai), que tem em Nael, seu neto rejeitado, a busca que se reconstrói nas falas deste narrador.

Dois Irmãos (2000) retrata a relação entre a Amazônia brasileira e o Líbano, entrelaçando pessoas de culturas, de procedências e de desfechos diversos e criando a tensão do romance. O cenário é a Manaus do início do século, onde a cidade e o rio Negro transformam-se em símbolos das ruínas e da passagem do tempo. A obra tematiza os conflitos familiares que se desdobram na vivência desta cidade que se cria pela internacionalização das origens pessoais.

Dois Irmãos narra a vida de Halim, um libanês, aprendiz de mascate, que se apaixona pela filha de outro libanês, o viúvo Galib, dono de um restaurante perto do porto. Zana, que também se apaixona pelo moço, logo convence ao pai com a ajuda dos amigos que o quer para seu esposo. A obra é cíclica, mas dá ao leitor uma noção de temporalidade cronológica, o que se perde em alguns momentos e faz com que o leitor (re) leia, buscando não perder o fio da história.

Da união de Zana e Halim, nascem os gêmeos Omar e Yaqub (caçula, por ter saído por último da barriga) e Rânia, a caçula de fato. Quem delinea a história dessas vidas é Nael, o filho de Domingas, a empregada-índia, órfã e ex-interna de um colégio de freiras. Nael foi criado na casa, no quarto dos fundos com a mãe, e, como agregado e confidente de Halim, sabia de muitos dos segredos da família. Observava tudo e todos, juntando as coisas aqui e ali e (re)fazendo a história na busca de descobrir qual dos gêmeos era seu pai, depois de saber que um deles havia engravidado sua mãe num ato de violência sexual.

Hatoum tematiza a rivalidade, a revolta pela preferência da mãe, o ciúme, o incesto e outros desvios de personalidade que desajustam a vida dessa família de imigrantes libaneses residentes em Manaus, capital do Amazonas.

Halim, que não queria ter filhos para desfrutar sozinho do amor de Zana, fica triste com a notícia da gravidez da esposa. Para ele, os filhos iriam tomar seu lugar no coração dela. O que foi comprovado com o nascimento dos gêmeos. De temperamentos completamente diferentes, os gêmeos em nada se pareciam na personalidade, mas eram idênticos fisicamente, por vezes confundindo até a própria mãe. A rivalidade entre os gêmeos vai se acentuando à medida que vão crescendo. E chega ao ápice quando se apaixonam pela mesma moça, Lívia, ao ponto de Omar agredir Yaqub com uma garrafa e cortar-lhe o rosto numa sessão de cinema improvisado quando este beijava Lívia.

Os gêmeos já contabilizavam 13 anos quando ocorreu o fato de violência declarada entre eles e Halim decide mandar os dois para o Líbano. Com essa decisão ia resolver dois problemas: o de tê-los brigando e o de ter perdido a esposa para os filhos. Porém, Zana impede a partida de Omar, alegando que sua saúde é muito frágil; Yaqub vai para o Líbano com alguns amigos de Halim um ano antes da Segunda Guerra Mundial. A descoberta, agora sem sombra de dúvidas, de que a mãe preferia o irmão fez Yaqub ainda mais introspectivo. Passa cinco anos longe da família, vivendo privações numa aldeia no sul do Líbano, até que a família o traz de volta. Yaqub não consegue perdoar a mãe e nem conviver com a superproteção que ela dispensa ao irmão, como podemos constatar neste trecho: “Não morei no Líbano, seu Talib.” [...] *“Me mandaram para uma aldeia no sul, e o tempo que passei lá,*

esqueci. É isso mesmo, já esqueci quase tudo: a aldeia, as pessoas, o nome da aldeia e o nome dos parentes. Só não esqueci a língua[...]” (HATOUM, 2000: 88-89.)

A cicatriz no rosto do rejeitado ainda queima como quando da época da agressão enquanto Omar vive uma vida desregrada, bebendo até às madrugadas, fato sempre escondido do pai por Zana e Domingas, como já se disse, empregada da casa e mãe de Nael, que o acolhiam e não deixavam que o pai visse o estado deplorável que o filho chegava em casa depois de alguma noitada nos bares de Manaus.

Houve duas ocasiões em que Omar se interessou seriamente por uma mulher, a Mulher Prateada e a Pau-Mulato, mas Zana decidiu que nenhuma das duas estavam à altura do seu filho amado e tratou de tirar as rivais do páreo, alimentando cada vez mais a dependência emocional do caçula. *“Dessa vez ela não quis disfarçar: encarou com um sorriso dócil e um olhar de desprezo a mulher que jamais seria a esposa de seu filho, a rival derrotada de antemão”*. (HATOUM, 2000:99)

Omar não estuda, não trabalha, não dá andamento nem finaliza nenhum projeto. Longe dos cuidados e controle dos pais, mentiu quando foi para São Paulo dizendo que ia estudar. *“Halim não sabia de nada. Ele e Zana, iludidos, pensavam que o Caçula havia frequentado um dos melhores colégios de São Paulo e que durante todo o semestre letivo o Peludinho queimara as pestanas, aplicado, debruçado sobre uma escrivaninha coberta de livros”*. (HATOUM, 2000:89)

Ao contrário, o irmão é estudioso, aplicado desde os tempos do colégio, forma-se engenheiro, vai para São Paulo e manda buscar Lívia, com quem se casa sem o conhecimento da família. E, para demonstrar o quanto havia prosperado, manda fotos de sua casa e da esposa para a família:

[...] só depois soubemos que Yaqub havia prosperado, aspirando, talvez, a um lugar no vértice. Ele mandara o endereço, e o novo bairro paulistano onde morava dizia muito. O bairro e o apartamento, porque agora as fotografias enviadas por Yaqub revelavam interiores tão imponentes que os corpos diminuam, tendiam a desaparecer. (HATOUM, 2000, p. 95.)

A irmã, Rânia, percebia nas fotos que o irmão queria mostrar que havia conseguido “vencer na vida”, enquanto Omar nunca conseguiu ter nada por esforço próprio; pelo contrário, roubava aos pais, pedindo dinheiro, dizendo que era para pagar o colégio e os livros e o gastava com farras: *“Querem mostrar a decoração e se esquecem de mostrar o rosto...”* (Idem, p. 95.)

Mesmo sabendo que o filho caçula fazia toda sorte de coisas erradas, inclusive roubar ao irmão, enganar os pais pedindo dinheiro e dizendo que estava estudando, Zana o defendia e

venerava com todas as fibras de seu ser: *“Punha os gêmeos numa gangorra e fazia loas ao caçula, elogiando-o até a cegueira. Mas Zana não era cega. Via muito, por todos os ângulos, de perto, de longe, de frente e de viés, por cima e por baixo, e sua visão continha uma sabedoria.”* (Ibidem, p. 95.)

Nas visitas que Yaqub fez à família, percebeu, por meio das paredes mal pintadas, do telhado quebrado e dos móveis antigos e sem conservação que a situação financeira da família não estava das melhores e decide ajudar enviando madeiras e dinheiro para a reforma e pintura da casa e da loja.

Rânia assume os negócios da família e toma a decisão de não mais se casar, depois que a mãe rejeita um pretendente seu. Halim tem ciúmes de Omar em função de Zana ser cega de amor pelo filho e o excesso de zelo que tem para com este. Pedía aos céus que uma daquelas mulheres o levasse embora dali, mas Zana era mais forte que todas elas, não deixando que nenhuma se aproximasse do filho amado.

De vez em quando Halim saía para dar umas voltas e sumia por várias horas, cabendo a Nael, a pedido de Zana, ir atrás para trazê-lo de volta para casa. Segundo as palavras do próprio Nael, Halim um dia escapou dando uma desculpa de que Rânia precisava de sua ajuda: *“Vou passar na loja, a Rânia precisa de mim”* (HATOUM, 2000: 158). E saía sem rumo para beber na casa de amigos, nos bares ou em algum flutuante no meio do rio. *“Numa tarde que ele escapara logo depois da sesta eu o encontrei na beira do rio Negro. Estava ao lado do compadre Pocu, cercado de pescadores, peixeiros, barqueiros e mascates”*. (HATOUM, 2000: 158-159)

As praças manauaras cheias de soldados armados à caça dos “traidores” da pátria, após o golpe de 1964, é palco da morte trágica de Antenor Laval, professor de francês que tinha lá seus segredos e mistérios. A morte de Laval demonstra a truculência com que os “subversivos” eram tratados pelo regime militar.

Morre Halim que, apesar de não parecer, era o esteio de Zana, desgostoso com a esposa por seu distanciamento, desde que os filhos nasceram, e com Omar, filho ingrato que só deu dissabores e afastou-o de seu grande amor. *“Depois da morte de Halim, a casa começou a desmoronar”*. (Hatoum, 2000: 163)

Domingas e o filho Nael, narrador da história, não tiveram escolhas na vida, vivendo no quartinho dos fundos da casa dos patrões e avós do garoto (filho de uma violência sexual que Omar praticou contra Domingas).

Yaqub volta a Manaus para realizar um projeto antigo seu de construir um hotel naquela cidade; Omar o acusa de roubo de seu projeto, agride fisicamente o irmão e acaba preso. Quando sai da prisão, a sua casa tinha sido vendida, a sua mãe já está morta e ele, velho, desaparece sem deixar rastros; Nael descobre que Omar é seu pai e fica desconsolado

por ser o gêmeo que ele não admirava; fica morando no mesmo quartinho dos fundos, agora independente da casa, legado de Yaqub; desiste de Rânia, a tia com quem viveu uma única noite de amor e passa a trabalhar no colégio em que estudou; Rânia vai morar sozinha, ainda levando a cabo a promessa que fizera de não mais se casar.

4.3 PRESENÇA DE ARABISMOS EM *DOIS IRMÃOS*

As palavras de origem árabe, aqui trabalhadas, são frequentes na obra em estudo, todavia, decidimos por apresentá-la uma só vez. Elas não estão dispostas em ordem alfabética, seguem a ordem de aparição no romance.

Decidimos, ainda, apresentar a origem, o significado que o verbete comporta, destacando o sentido textual, tecendo breves comentários sobre o uso pelo falante nativo, independente do texto. Todas as explicações etimológicas foram retiradas do *Dicionário Etimológico de Língua Portuguesa*, de José Pedro Machado e outros consultados do *Novo Dicionário de Língua Portuguesa*, de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira. Vejamo-los.

1) “[...] o bairro portuário de Manaus, [...]” (p.11).

Bairro [Do ár. vulg. Barri]. S.m. 1. Cada uma das partes em que se costuma dividir uma cidade ou vila, para mais precisa orientação das pessoas em mais fácil controle administrativo dos serviços públicos. 2. Bras., MG. Pequeno povoado ou arraial. (Aurélio).

Esta é uma palavra de uso corrente. O sentido contextual correspondente ao sentido original.

2) “Perto do Alpendre, [...]” (p.11)

Alpendre. S.m. Terraço, varanda, coberta e sustentada por colunas, puxado, parte acrescentada a casa, coberta. Pela forma antiga alpendre, inclinam-se vários a admitir que provenha de pendere, pender, estar pendurado. Assim J. Corominas. Para G. de Diego vem de appendere, dependurar, pender, sendo como que um apêndice da moradia. P. Magne (Demando do S.G.) alude a uma formação gaulesa, dizendo apenas “ A origem é desconhecida, talvez gaulesa” Enquanto não se aclara o assunto, estamos pela origem latina de appendere. Palavra de uso corrente.

3) “[...] e essas nuvens imensas, inertes como uma pintura em fundo azulado [...]” (p.20).

Azulado, derivado de azul

*azul [Do persa *lāzwārd*, através do árabe vulgar *lāzud e do arc. Azur./ Da cor do céu sem nuvens com sol alto. (Aurélio). Palavra de uso corrente.

4) “ Manaus às escuras, seus moradores acotovelando-se diante dos açougues [...]” (p. 22).

Açougues. [Do ar. *assoq*] mercado, feira. S.m. Lugar onde se vendem carnes frescas, talho, corte. Palavra de uso corrente.

5) “ As vezes, trocava víveres por tecido encalhado: morim ou algodão esgarçado [...]” (p.23)

Algodão (Do ar, Al-qu Tun). S.M. 1. Bot. Conjunto de comprimidos pêlos alvos e entrelaçados, macios, que revestem a superfície das sementes do algodoeiro. 2. Fio ou tecido fabricado com esses pêlos.

6) “Vestia calça branca de linho e camisa azul [...]”(p.24).

Azul (Do persa *lāzwārd*, através do árabe vulgar *lāzud e do arc Azur./ Da cor do céu sem nuvens com sol alto. (Aurélio)

Vocabulário bastante familiarizado.

7) “[...] às vezes caía, inteiro, o corpanzil suado esquecido da alquimia da noite (p.33).

Alquimia. [Do ar. al-qimilia]. S.f. Gênero da família das rosáceas. Certa erva de flores amarelas que era empregada pelos alquimistas.

8) “[...] as duas o desnudavam, passavam álcool no corpo e o acomodavam na rede.” (p.33).

Álcool. [Do ar, *al- kuhul*, *Aal-kuhl*, sob várias grafias]. S.m. Espírito de vinho. Líquido obtido pela destilação de substâncias fermentadas. Antigamente significava antimônio, certa mistura com pós com que enegreciam os olhos as mulheres.

9) “[...] e os dois, juntos escapuliam do Mocambo [...]” (p.36).

Mocambo. S.m. Var. Mucambo. Choça, palhoça, casebre. Do quimbundo um +kambu, esconderijo, segundo os africanistas. Derivados: mocambeiro, adjetivo que reside em mocambo; suf. eiro.

10) “[...] o idioma do Galinheiro dos Vândalos, minha alforria. (p.37).

Alforria. [Do ar. al-hurria, liberdade] S.f. Liberdade concedida ao escravo. Derivado: alforriar-v.t. Dar, conceder a liberdade a escravos. Suf. Ar

11) “Falavam português misturado com árabe, francês e espanhol, e dessa algaravia surgiam histórias que se cruzavam [...]. (p.48).

Algaravia. [Do ár. al- gazará.] 1.Gritaria que os mouros levantavam em qualquer acometida militar. 2. Vozeria, gritaria, clamor, assuada. (Aurélio). Em desuso ou de raro em Lisboa.

12) “O almoço era servido às onze, comida simples mas com sabor raro.” (p. 47).

Almoço. Primeira refeição do dia. Lat. *admordium, bocado de admórdere, bocado de admórdere, morder. Vocabulário corrente.

13) “[...] uma berinjela recheada [...]” (p. 48).

Berinjela. [Do ar. badijau com a variante tunisina bedenjâl] S.f. Planta hortense, cuja fruta é comestível. Houve a substituição da dental d pela vibrante r e a palavra de z. A pronúncia do â surdo aproxima-se de e. A grafia mais consentânea com a variação fonética deve ser berinjela. Vocábulo de uso corrente em todas as comunidades luso-falantes.

14) “[...] leu e releu versos rimados: lua com nua, amêndoa com tenda, amada com almofada”. (p. 48)

Amêndoa. S.f. Fruto, caroço de forma ovular, de gosto amargo. Qualquer caroço de outros frutos. Lat. amygdala, gr. Amygdále. Encontram-se as formas antigas: amíndula, amêndola.

Derivados: amendoado, temperado com amêndoa, que tem gosto ou a forma de amêndoa: olhos amendoados, temperado. Amendoal- S.m. Plantação de amêndoas. Suf. Al. Amedoeira. S.f. Árvore que produz amêndoa. Suf. eira. Em vigor.

Almofada [Do ár. al- mukhaddá]. S.f.1. Espécie de saco estofado para encosto, assento ou nato (Aurélio). Vocabulário e objeto muito ao gosto de povo brasileiro. E por que não dizer de grande parte da humanidade? Palavra muito usada.

15) “As seis da manhã já estava vendendo seus badulaques nas ruas [...]”. (p. 48).

Badulaque. S.m. Nome com que se designam, no Brasil, trastes caseiros de pouco valor. Origem desconhecida. Raríssimo uso.

16) “[...] não aceitavam a idéia de ver Zana casar-se com um mulçumano.” (p.52).

Mulçumano. Adj. Maometano, adepto do Corão, islamita. Sequaz de Maomé. Do persa mulçumano que é derivado de árabe muslim, part, do verbo áslam, obedecer a vontade de Deus. Nota: Esta grafia mulçumano preconizada pela reforma ortográfica não tem razão de ser. Desde o persa mulsulman temos mulsulman temos mulçumano em espanhol e italiano, mulssumalman em francês e inglês. Sempre foi escrita a palavra mussulmano. Será que só os sábios da reforma ortográfica luso-brasileira descobriram a pólvora? Diga-se o mesmo de todas as derivadas como mussulmanismo, mussulmanizar etc. Termo em pleno uso.

17) “[...]e, mesmo na velhice, mimando-a, “tocando o alaúde só para ela,[...]””. (p.54).

Alaúde [Do ar. al-aud]S.m Instrumento de música do tipo da viola, da guitarra. Que quer dizer simplesmente madeira, lenha indicando o material empregado na factura do instrumento. Pouco uso entre nós.

18)[...] “para a aldeia dos meus parentes”. (P.56)

Aldeia [Do ár. Aldeia]. S.f. Povoação, vilarejo. Derivado: aldeã. Adj. Moradora de aldeia, rústica, suf. ã de Ana, fem. De ano; aldeão- S.m. suf. ão de ano, aldeamento- S.m. Ato de

constituir aldeia, suf-mento , aldear. V,t. Colocar em aldeia, constituir aldeia. Suf. ar. Vocábulo conhecido.

19)” Assim, sem alarde, quase uma surdina [...]. (p. 60).

Alarde. [Do ar. AL-ard] S.m. Ostentação, jactância, exibição, revista de tropas. Apesar de ser uma palavra conhecida, não é muito usada pelo povo, é um termo semierudito.

20) “Concordava com tudo, desde que os assentimentos terminassem na rede ou na cama ou mesmo no tapete.” (p. 64).

Tapete. Palavra muito usada entre os luso-falantes.

21) “[...] deixava as alpercatas e o roupão nos degraus, [...] entravam quase nus na alcova aromada por orquídeas brancas”. (p. 65).

Alpercata [Do ar. al –bagat]. S.f. V. alpercata. “Objetos de couro, desde os magníficos chapéus de custosa fabricação, até os arreios dos animais, as alparcatas, estas últimas ioneiras na indústria de calçados populares”. (Aurélio). – Palavra e objeto de uso corrente no Nordeste brasileiro.

22)” As vezes voltava alegre, o bafo de anis na boca [...]”. (p.68)

Anis. S.m. Erva-doce, planta de que se faz a bebida. Lat. Anisum, Gr. Ánison, não se percebe muito claramente como foi que anisum se passou a anis. A evolução normal deveria darnos aniso. Francês anis. Entre os luso-falantes é comum o uso do termo erva-doce.

23) “[...]um quadrado de azulejos portugueses azuis e brancos [...]”. (p.76).

Azulejos [Do ár, zulajj, diminutivo de zúluj, pedras lisas]- S.m. ladrilho vidrado e de várias cores. Muito utilizado.

24) “[...]ficavam na janela [...] admirando aquele chafariz de lâmpadas [...]”. (p.84).

Chafariz. [Do ar. çahrij]. S.m. fonte pública, água encanada, cisterna, poço, tanque. Palavra de uso corrente.

25) “Ostentava os colares e pulseiras de marfim que a avó ganhara do rei.” (p.87)

Marfim. [Do ár. adm-alfil] ao pé da letra: osso de elefante, o elemento *adm* foi reduzido am por aférese, dando *malfil* e depois *marfil* com dissimilação da primeira vibrante l em r. Esta é a forma espanhola e em português houve marfi e depois marfim S.m. Osso dente de elefante de que fazem adornos, estatuetas etc. palavra conhecida.

26) “Mas se entrava meio lúcido, com força para mais algazarra.” (p. 88).

Algazarra [Do ár. AL-gazará] 1. Gritaria que os mouros levantavam em qualquer acometida militar. 2. Vozearia, gritaria, clamor, assuada. (Aurálio). Palavra de uso corrente.

27) “Era a hora do alvoroço,[...]” (p. 120).

Alvoroço. [Do ár. al-buruz]. S.m. 1. Agitação, alvoroço, perturbação. 2. Presa, azáfama. 3. Alarma, tumulto, confusão. 4. Motim, revolta, sublevaçã. 5. Entusiasmo, veemência. 6. Bras. Gritaria, bálbúrdia (Aurélio)

28)” O alcagüete acumulara um punhado de cobre [...]. (p. 141)

Alcagueta [Do ár. qawwâd].S.m Delator, traidor, denunciante entre os ladrões. Esp. Alcahuete. Var. alcagüete. Não é comum o uso deste verbete.

29) “[...] e fiquei espiando por uma fenda na talude de pedras vermelhas”. (p. 141)

Talude. S.m. declive natural das, declive artificial que se dá aos muros, às muralhas, reforçando a base. Inclinação forte do terreno, encosta. Do espanhol talud e este do francês talus de que se fez o verbo taluter. Lat. *talutium* já atestado em Plínio, porém de procedência gaulesa. Verbetes de raro uso.

30) “[...] a greve dos portuários afastava a clientela dos arredores do porto [...]”. (p. 186)

Arredores [Do ár.]. S.m Plural vizinhanças, adjacências, proximidades de um lugar de uma cidade. De a+redor. A etimologia está por ser feita. Corominas pretende que venha de retro, que daria retor como pro deu por; retor passou a redor. O arredor, os arredores seriam então os lugares atrás da cidade. Desta idéia de “atrás” passou à vizinhança, proximidade. Esta etimologia serviria à forma atual do português, não porém, à castelhana: alrededor. Além dessa passagem de retro a retor ser muito difícil porque todos os exemplos existentes são de perda da vibrante arredo = a retro= a reto; retaguarda= retroguarda; arredar= ad+retro+are=ret(o) +ar= arredar) a semântica pouco ajuda.

31) ”Passei os meses de janeiro e fevereiro nesse vaivém por ruas, becos e alamedas”. (p.187)

Alamedas [Em sentido geral, plantado de qualquer arvoredado. De álamo + eda que é a terminação latina ETA, mais comum no masculino etum, edo, como arboretum, arvoredado.

32)”[...]o giz desenhava rabiscos que lembravam arabescos, [...]. (p.189)

Arabesco. S.m. Desenhos, entrelaçamento de linhas retas e curvas traduzidos à Europa pelos árabes. Italiano arabesco. É um termo conhecido por letrados, pois se trata de um estilo de arquitetura árabe, muito comum na Espanha.

33) “Até nas árvores dos terrenos baldios a gente vê uma penca de soldados [...]. (p.196).

Baldio. [Do ár. balti por bátil] S.m. Inútil em vão. Adj. Abandonado, inculto, vazio. Muito usado no Brasil para nos referirmos a um terreno desocupado.

34) ”Nosso filho está com enxaqueca, deixa ele sossegado, a dor vai passar”. (p.209).

Enxaqueca. [Do ár *ax-xaqiqa*] S.f. Dor de cabeça, hemicrania. Enfermidade muito comum no Brasil, principalmente entre as mulheres.

35) ” Chorou muito enquanto arrancavam os tabiques, [...]. (p.209).

Tabique. [Do ár. tabik, parede de ladrilhos] S.m Parede, separação, vedação, sebe, divisão de compartimentos de uma casa por meio de biombo, tábua e etc. Proteção de madeira de tábuas à volta dos andaimes da casa em construção. Termo conhecido entre nós.

36) ” Ela saiu devagarinho, segurando um alguidar, a vela acesa na outra mão”. (p. 213).

Alguidar. [Do ár, AL-gidar]. S.m Vaso, escudela, bacia. Atualmente, vocábulo de raro uso entre nós.

37) ” Rânia me pediu que cuidasse da mãe enquanto ia ao mercado”. (p.253).

Mercado. Adj. Part. Pass. De mercar, negociar, vender. S.m Lugar onde vendem e se compram mercadorias, se fazem trocas comerciais. Lat. mercatus. Palavra muito usada.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho teve por objetivo estudar os elementos linguísticos estrangeiros que foram inseridos no idioma, em especial os arabismos muito presentes na península Ibérica a partir da invasão dos povos árabe em 711, e são considerados como uma contribuição expressiva na Língua Portuguesa.

O nosso corpo foi extraído da obra *Dois Irmão*, de Milton Hatoum. Para realizamos uma análise descritiva de cada verbetes escolhidos, num total de 37 fragmentos extraídos da obra em análise, assim laçamos mão dos dicionários de Língua portuguesa de José Pedro Machado (dicionário etimológico) e de Aurélio Buarque de Holanda Ferreira.

Foi observado a partir dos nomes das personagens que Milton Hatoum possuía uma familiaridade tanto com o hebraico como com o idioma árabe, tais como: Halim, Zana, Rania, Yabub Omar e Nael. Comprovam o que esta demonstrado como fator de influência, segundo *O Atlas Geográfico Mundial (1994:159)*, que as línguas mais faladas do mundo são: o árabe, o francês e o inglês, e por serem as mais faladas conseguem expandir-se com maior facilidade e esse fator foi detectado tanto através da história a partir de estudos filológicos, quanto na obra de Milton Hatoum, que está impregnada de estrangeirismo que não se diluíram na atual conjuntura linguística em nosso país, como no caso foram apontado os arabismos.

No entanto, no decorrer deste trabalho, verificamos que, para fazermos um estudo mais eficiente sobre o tema desenvolvido, foi preciso expormos as característica históricas das Línguas portuguesa e árabe, para tanto, utilizamos de uma fortuna crítica especializada de filólogos e linguistas renomados como: José Pedro Machado, Ismael de Lima Coutinho, Felipe Maillo Salgado, Rafael Lapesa, Marinalva Freire da Silva, entre outros, com vistas a caminhamos para um entendimento eficaz deste universo que surge quando nos reportamos aos arabismos na língua portuguesa.

Desta forma, neste trabalho monográfico, mostramos que as línguas resultam de uma complexa evolução histórica e, como parte desta evolução, encontramos no arabismo uma forte herança cultural, que não deve ser deixada de lado.

Assim, o estudo em evidencia tem sua relevância do ponto de vista da filológico tendo em vista que analisa o léxico usado numa obra contemporânea, em nosso caso o romance *Dois irmãos*, de Milton Hatoum, através de suas personagens, retomam a herança cultural, mantendo sempre viva a chama do legado linguístico árabe.

REFERÊNCIAS

- ABAO, Francisco. **Diccionario de Lingüística de la Escuela Española**. Madrid: Gredos, 1986.
- BASSETTO, Bruno Fregni. **Elementos de filología románica: História externas das línguas** – 2ª ed. – São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2005.
- CASTRO, Américo. **La Realidad Histórica de España**. México: Porrúa., 1982.
- _____. **España en su Historia, cristianos, moros y judíos**. Octava edición. Barcelona, Crítica, 1983.
- CATALÁN, Diego. **Lingüística Ibero-románica**. Madrid: Gredos, 1975.
- COROMINAS, Joan. **Breve Diccionario Etimológico de la Lengua Castellana**. Tercera edición, Madrid: Gredos, 1983.
- COUTINHO, Ismael de Lima. **Pontos de Gramática Histórica**. 6 ed. Rio de Janeiro, Livraria Acadêmica, 1968.
- FERREIRA, Aurélio Buarque de Holanda. **Novo Dicionário de Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009.
- HATOUM, Milton. **Dois Irmãos**. São Paulo: Companhia das Letras, 2000.
- LAPESA, Rafael. **Historia de la Lengua Española**. Novena edición. Madrid: Gredos, 1986.
- MACHADO, José Pedro. **Dicionário Etimológico de Língua Portuguesa**. Cuarta edición, Lisboa, Livros Horizontes, 1987. 5 volumes.
- MAILLO SALGADO, Felipe.. **Los arabismos del Castellano en la Baja Edad Media**. Consideraciones históricas y filológicas. Salamanca: Ediciones da Universidad de Salamanca, 1983.
- QUILIS, Antonio. “El arabismo en la Lengua Española hablada en Madrid”. 1981.
- REAL ACADEMIA ESPAÑOLA.. **Diccionario de la Lengua Española**. Madrid, 1983.
- SILVA NETO, Serafim da. **História de Língua Portuguesa**. 3 ed.. Rio de Janeiro: Presença; MEC/INL, 1979.
- SILVA, M.F. da. “*Bate-papo*” filológico. In: _____. **Estudos filológicos. Literatura. Cultura**. Campina Grande: EDUEPB-UEPB, 2007.p. 23-44
- _____. **Los árabes en la Península Ibérica - Presencia de los arabismos en las lenguas castellanas y portuguesas: aportación cultural**. João Pessoa: Sal da Terra Editora, 2011.